

# Crenças e pertencas, moral e sexualidade na juventude mineira

*Fátima Regina Gomes Tavares, Marcelo Ayres Camurça,  
Carlos Eduardo Procópio, Corina Valente Ferreira, Júlio César  
de P. e Silva, Rafael Pereira e Rodrigo C. de Mello R. de Carvalho\**

## Resumo

O presente trabalho tem por objetivo apresentar os resultados iniciais de um "survey" realizado entre estudantes de ensino médio da rede pública. Buscamos analisar as filiações religiosas, os trânsitos, o grau de pertencimento e crenças deste segmento; além de descrever e sugerir interpretações acerca das relações entre religiosidade, moralidade e política na juventude mineira. Analisamos questões relativas à sexualidade, aborto e contracepção. Por fim, observamos as relações entre pertencimento religioso, participação política e inserção no espaço público.

**Palavras-chave:** religião; juventude; política; moralidade; Minas Gerais.

## Resumé

Ce travail a comme but de présenter les premiers résultats d'un "survey", réalisé parmi des étudiants de lycée du réseau public. Nous cherchons à analyser les filiations religieuses,

\* Doutora em Antropologia (IFCS/UFRJ) e professora do PPCIR/UFJF; Doutor em Antropologia (MN/UFRJ) e professor do PPCIR/UFJF. Os demais autores são graduandos em Ciências Sociais e bolsistas do projeto de pesquisa "Religião, política e cultura entre a juventude de Minas Gerais", que conta com o apoio do CNPQ e da UFJF.

les migrations, le niveau d'appartenance et de croyances de ce corpus; et aussi décrire et suggérer des interprétations sur les relations entre religiosité, moralité et politique dans la jeunesse du Minas Gerais. Nous analysons des questions de sexualité, avortement et contraception. Enfin, nous observons les relations entre appartenance religieuse, participation politique et insertion dans espace public.

---

**Mots-clé:** religion; jeunesse; politique; moralité; Minas Gerais.

---

## Introdução

Neste artigo apresentamos os primeiros resultados da pesquisa<sup>1</sup> “Religião, Cultura e Política entre a juventude de Minas Gerais”, que compreendeu a aplicação de um *survey* entre os alunos do ensino médio. Nosso objetivo foi traçar um panorama das crenças e valores da juventude mineira, levantando questões relevantes para seu posterior aprofundamento no âmbito do trabalho com os grupos focais. O *survey*<sup>2</sup> foi aplicado em 11.481 alunos da rede pública, ao final de 2001, através do SIMAVE (Sistema Mineiro de Avaliação da Educação Pública), instituído pela Secretaria de Estado da Educação, em 2000, para ser um mecanismo estratégico de diagnóstico e planejamento da política educacional no estado de Minas Gerais.

Os resultados que obtivemos seguem os resultados gerais divulgados em outros trabalhos, como o *Atlas da Filiação Religiosa e Indicadores Sociais no Brasil*<sup>3</sup>, estudo com base nos últimos censos, que aponta um percentual de 73,8% de católicos no

---

<sup>1</sup> Esta pesquisa é coordenada pelos professores Marcelo Ayres Camurça e Fátima Regina G. Tavares. A primeira fase compreende os estudos bibliográficos e o processamento e análise do *survey* e a segunda etapa, a ser ainda iniciada, compreenderá a pesquisa em grupos focais.

<sup>2</sup> Foram utilizados questionários auto-administrados. A pesquisa foi aplicada conjuntamente à prova de Avaliação da Educação Pública, o que facilitou a administração do questionário aos grupos respondentes, já que nas salas de aula era possível aplicar os questionários de uma só vez a vários alunos. O *survey* produziu uma amostra não probabilística que é diferente da probabilística, que representa toda a população. Contudo, dado o alto número de questionários aplicados e a compatibilidade entre dados obtidos e pesquisas anteriores podemos sugerir que os resultados deste *survey* refletem com bastante segurança as características e a diversidade deste segmento.

<sup>3</sup> Cf. Cesar Romero JACOB et alii, *Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil*.

Brasil, bem próximo do percentual que encontramos entre os jovens mineiros da nossa pesquisa, que foi de 73,5%. Duas observações, no entanto, tendem a complexificar a proximidade desses resultados. A primeira é que, segundo o diagnóstico do *Atlas*, os jovens configuram o segmento de maior diversificação religiosa da população e, portanto, de menor apelo à religião católica, sendo inclusive o maior grupo entre os pentecostais. A segunda observação reside no fato de que os alunos pesquisados<sup>4</sup> são jovens mineiros, o que pode contrabalançar os efeitos da observação anterior, já que este Estado da Federação, e mais marcadamente seu interior, ainda constitui um reduto<sup>5</sup> da Religião Católica.

Os questionários da pesquisa foram aplicados em escolas que estão distribuídas por cinco pólos de Minas Gerais: Zona da Mata (Vale do Rio Doce, Zona da Mata e Campo das Vertentes); Capital (Capital e região metropolitana de Belo Horizonte); Centro sul (Sul de Minas, Oeste de Minas e Central Mineira); Triângulo Mineiro (Triângulo Mineiro/ Alto Parnaíba) e Norte (Vale do Jequitinhonha e Vale do Mucuri). Os questionários foram divididos nessas regiões da seguinte maneira:

Tabela 1 – Questionários por pólo

Pólo	Número de Questionários	Porcentagem
Zona da mata	1.588	13,8
Capital	3.881	33,8
Centro sul	2.974	25,9
Norte de Minas	2.027	17,7
Triângulo	1.012	8,8
<b>Total</b>	<b>11.481</b>	<b>100,0</b>

<sup>4</sup> Os estudantes responderam ao questionário após uma breve explicação do seu conteúdo e objetivo, que foi feita por um instrutor devidamente treinado. O SIMAVE avalia as escolas públicas, municipais, estaduais e federais e, portanto, as unidades escolares avaliadas constituíram a moldura de nossa pesquisa. As escolas das três redes reúnem 814.357 (776.619 da rede estadual, 10.291 da federal; 27.447 da rede municipal) alunos no total, segundo dados da Secretaria de Estado da Educação. Assim, se dividíssemos este número pelo número total de estudantes entrevistados teríamos pesquisado um estudante a cada grupo de 71.

<sup>5</sup> Os dados do IBGE dão 78,9% de católicos em Minas Gerais, sendo, assim, o nono

O desenho amostral da pesquisa compreende, além dessa divisão em cinco pólos, uma subdivisão que acompanha a estrutura da Secretaria de Estado da Educação, que conta com 42 Superintendências Regionais de Ensino, agrupando os 250 municípios em que foi aplicada a pesquisa.

Para uma melhor visualização desse desenho amostral, podemos observar na tabela abaixo uma distribuição do universo da pesquisa considerando o contingente populacional das cidades:

Tabela 2 – Questionários por tamanho das cidades <sup>6</sup>

Nº de Habitantes	N.º de Cidades	N.º de Questionários	Contingente Populacional
Até 20 mil	134	3.144	1.254.416
Acima de 20 mil à 100 mil	92	3.721	4.219.663
Acima de 100 mil à 500 mil	19	2.675	3.626.720
Mais de 500 mil	3	1.941	3.266.200

Um último ponto a ser destacado refere-se à composição do *survey*<sup>7</sup>, que contou com 80 perguntas, estruturadas em 5 blocos: caracterização sócio-econômica; pertencimento religioso; moralidade e direitos humanos; e política.

estado mais católico do Brasil. A tabela 4 mostra a diferença do percentual de católicos entre as grandes e as pequenas cidades mineiras.

<sup>6</sup> Através da tabela acima é mais fácil notar o equilíbrio das classes em que agrupamos os municípios, já que cada uma delas agrega um bom número de questionários. As cidades com mais de 500 mil habitantes contam com 17% dos questionários, as cidades acima de 100 mil a 500 mil contam com 23% dos questionários, as de 20 mil a 100 mil com 33% e as cidades com até 20 mil com 27% dos questionários.

<sup>7</sup> Vale ressaltar que nós não tivemos acesso ao índice de resposta; nos dados que nos foram enviados constavam somente aqueles referentes aos questionários respondidos, sendo desconhecido o montante dos questionários que foram entregues em branco, percentual que normalmente é residual nas pesquisas aplicadas desta forma. O CAED/UFJF [Centro de Avaliação em Políticas Públicas em Educação] foi o responsável pela aplicação dos questionários e processamento do material. O *software* usado para esse fim foi o SPSS, que também deu o instrumental para a análise univariada, bivariada e multivariada dos dados. Foram inúmeras as dificuldades que nos deparamos no processamento e análise destes dados, todos estes problemas e suas soluções encon-

## 2 Pertencas e crenças religiosas

Ao tomarmos como objeto de análise a juventude mineira, o *survey* procurou verificar em que intensidade e sob quais formas a esfera religiosa influi na conduta social da juventude em suas dimensões éticas, morais e até mesmo políticas.

Portanto, além de apresentar os dados obtidos em nossa pesquisa, procuramos apontar algumas características do nosso objeto, bem como articular essas observações às tendências mais gerais do campo religioso brasileiro, para, quem sabe, assim lançar novas perspectivas para o debate entre religião e juventude.

### 2.1 Caracterização do universo

O nosso universo de pesquisa é preponderantemente feminino (40,9% de homens e 59,1% de mulheres), e branco<sup>8</sup> (47,9% de brancos, 31,9% de negros, 12,6% de pardos, 6,1% de amarelos e 2,3% de indígenas). Os dados obtidos também ressaltam o perfil típico de estudantes secundaristas: faixa etária oscilante entre 17 e 19 anos, solteiros, sem filhos e ainda morando na casa dos pais, em famílias constituídas por até 6 pessoas. Contudo, apesar deste perfil, constatamos que a vinculação ao mercado de trabalho se faz presente em expressiva parcela destes jovens (43,0% trabalham, 18,5% estão desempregados, 36,2% só estudam e 2,2% são donas-de-casa), o que aponta para uma especificidade de nosso universo: estudantes secundaristas da rede pública, oriundos de classes sociais com pequeno poder aquisitivo<sup>9</sup>, cujos pais possuem baixo nível de escolaridade (tabela 3), tendo, assim, necessidade de trabalhar. É salutar, porém, ressaltarmos que, apesar de trabalharem, estes jovens não interrom-

---

tram-se no Relatório Parcial da Pesquisa.

<sup>8</sup> Na pesquisa só foi observada a [auto-] identificação da cor, na medida que foram usados questionários auto-administrados.

<sup>9</sup> Elaboramos um índice sócio-econômico com as variáveis que estavam disponíveis. Este índice alicerça esta afirmação.

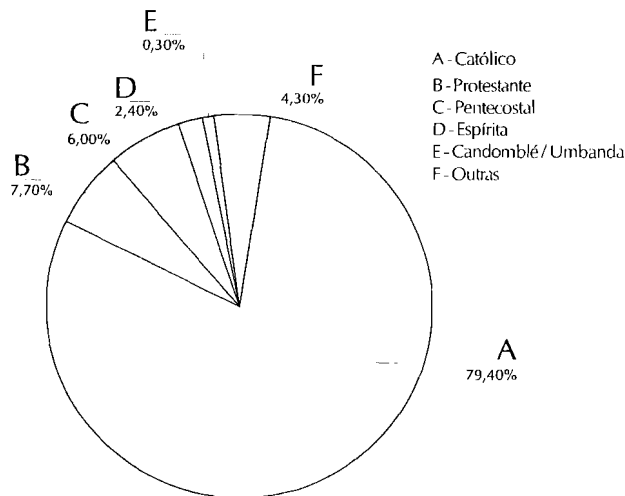
em seus estudos, o que nos leva a concluir que o trabalho e o estudo são fatores básicos para a vivência da juventude entre os nossos pesquisados.

Tabela 3 – Escolaridade dos pais (%)

Grau de escolaridade	Escolaridade da Mãe	Escolaridade do Pai
Nunca estudou	8,3	8,3
1ª a 4ª série	44,8	45,6
5ª a 8ª série	20,9	17,7
Ensino Médio	14,2	12,3
Faculdade	11,8	4,7
Não Sei	—	11,3

Quanto ao pertencimento religioso, a quase totalidade dos estudantes afirmaram ter religião (94,9%). No entanto, observamos que embora as respostas indiquem ser esse pertencimento variado, este campo se caracteriza por ser marcadamente católico e pouco diversificado. Tal campo divide-se da seguinte forma:

Gráfico 1 - Filiação Religiosa



Esse panorama demonstra que o catolicismo encontra em Minas Gerais um ambiente propício para preservar seu caráter de religião majoritária, resistindo, assim, às transformações contemporâneas do campo religioso nacional. Como se sabe, no cenário nacional, verifica-se uma perda de influência do catolicismo para as religiões evangélicas, em especial as pentecostais, bem como um crescente movimento de desinstitucionalização religiosa, o que transparece no aumento do fenômeno dos “sem religião” que, em Minas Gerais, ainda é bastante incipiente se comparado ao Rio de Janeiro ou mesmo em relação à média nacional.<sup>10</sup>

O cruzamento da filiação religiosa (Tabela 4) com os municípios agrupados por seus contingentes populacionais nos mostra, no entanto, que a Igreja Católica ainda conserva forte influência em cidades de pequeno porte, perdendo força à medida que o contingente populacional vai aumentando. Os valores que observamos para as cidades menores diferem substancialmente dos observados nas cidades com mais de 500 mil habitantes. Por outro lado, com as demais religiões observa-se um movimento contrário: a adesão aumenta em direção às grandes cidades, onde existe uma maior diversificação religiosa.

Tabela 4 – Religião por população da cidade (%)

Tamanho das cidades	Religião					
	Católica	Protestante	Pentecostal	Espírita	Candomblé / Umbanda	Outras
Até 20 mil	88	5,2	2,8	0,9	0	3
+ de 20 à 50 mil	81,9	6,2	5,8	2,2	0,1	3,9
+ de 100 à 500 mil	73,5	9,9	8,2	3,1	0,5	4,8
Acima de 500 mil	68,1	11,4	8,7	4,5	0,7	6,6

<sup>10</sup> A percentagem nacional dos sem-religião é de 7,3%, e para Minas esse valor é de 4,2% da população.

É interessante observarmos também que dentre aqueles que afirmaram não ter religião (5,1%), a quase totalidade desses respondentes assume acreditar em Deus<sup>11</sup>, o que nos possibilita dizer que em Minas Gerais a força do campo religioso extrapola os limites da esfera institucional. Contribuindo para esta afirmação, observa-se que uma significativa maioria dos sem religião, quando perguntados sobre a frequência a atividades religiosas, 65,6% responderam afirmativamente.

O catolicismo também é a religião preponderante entre os pais dos entrevistados (Tabela 2):

Tabela 5 – Religião do pai e da mãe (%)

Religião dos pais	Pai	Mãe
Católico	75,6	82,3
Protestante	4,8	8,4
Pentecostal	3,6	6,4
Espírita	2,0	2,6
Candomblé/umbanda	0,5	0,3
Outras	8,0	–
Sem religião	5,5	–

Percebemos, assim, que a religião dos pais exerce uma enorme influência na conformação da identidade religiosa desses alunos, como pode ser verificado na tabela abaixo (Tabela 6). Evidencia-se, aqui, a força da “tradicional família mineira” como uma instituição onde se reproduzem valores e costumes religiosos, mesmo considerando-se as atuais transformações na esfera familiar e a tradição sincrética que atravessa o campo religioso brasileiro. No entanto, notamos que essa juventude assimila e conjuga a força da tradição familiar, recriando-a na medida em que adquire novos valores e costumes na sua experiência em outros espaços sociais, o que pode ser observado nas opiniões acerca de questões relativas à moral e à ética corporal.<sup>12</sup>

<sup>11</sup> Entre aqueles que se declaram sem religião, 87,3% afirmaram acreditar em Deus; 6,4% disseram acreditar em uma força cósmica; e 6,3% afirmaram em nada crer.

<sup>12</sup> Estas questões serão apresentadas mais adiante.



Tabela 6 – Influência na escolha religiosa (%)

Motivos da escolha religiosa	
Meus Pais	61,1
Outros parentes	2,2
Amigos	3,3
Pessoas Religiosas	1,9
Ninguém, foram motivos pessoais	31,5

Quando questionamos sobre a importância que certas instituições, hábitos e rotinas exercem em suas vidas, a força da família é novamente reafirmada, ocupando lugar de destaque (83,1%). Subseqüentemente a esta instituição, temos a religião (59,8%), o trabalho (56,1%), o estudo (53,9%), os amigos (43,6%), o namoro (37,9%) e o esporte (27,6%). Podemos, aqui, relativizar a tese de moratória social<sup>13</sup> enquanto uma categoria de caracterização da juventude, pois entre esses jovens são valorizados os vínculos e compromissos sociais. Assim, a idéia de “aproveitar a vida” como um marco geracional pode ser vivenciada de forma diferente nos diversos segmentos da juventude.

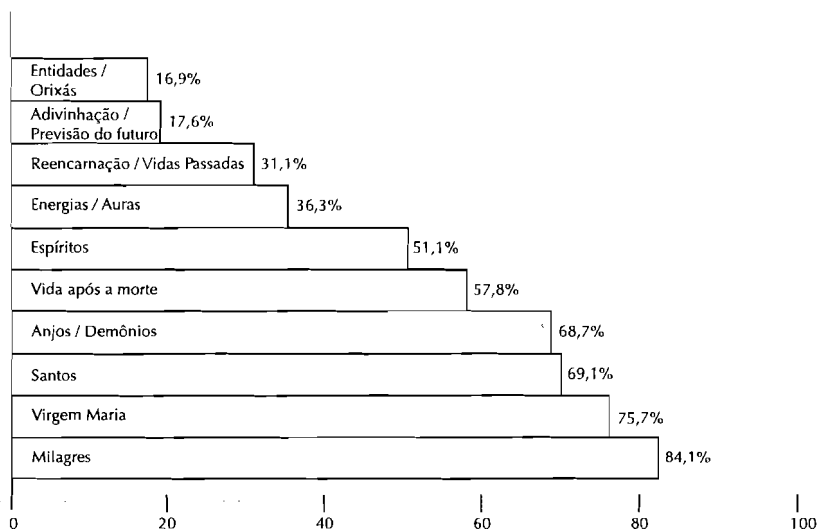
Com relação às crenças, percebemos que estes jovens possuem um imaginário tipicamente católico incorporando, porém, certas crenças alheias a esta tradição.<sup>14</sup> Analisando os resultados do Gráfico 2, nota-se um trânsito de símbolos que não coincide com as fronteiras institucionais, o que nos sugere uma certa flexibilidade no imaginário religioso destes jovens.

<sup>13</sup> MARGULIS e URRESTI, *La juventud es más que una palabra*.

<sup>14</sup> O que nos é revelado, por exemplo, pela constatação de um elevado índice de não adeptos de religiões mediúnicas que crêem em entidades, orixás, reencarnação e vidas passadas, entre inúmeros outros casos.



## Gráfico 2 – As crenças dos jovens



Ao analisarmos juízos de valor dos estudantes pesquisados através de suas percepções acerca do pecado, percebemos que para a grande maioria o pecado não corresponde a uma “invenção religiosa para controle dos homens” (10,6%), sendo, antes, percebido como uma “desobediência voluntária à vontade de Deus”, passível também de ser cometida involuntariamente (73,4%). Parece-nos, assim, que a dimensão religiosa é um componente crucial no juízo ético destes jovens, já que a grande maioria admite a possibilidade de intervenção divina no curso sócio-histórico do mundo (74,2%).

Ainda dentro do campo das crenças, é relevante o número de jovens que acreditam que o demônio ou alguma entidade do mal podem tomar conta do corpo e do espírito de uma pessoa (58,3%). Assim, a importância conferida às figuras de Deus e do demônio indica a força da interferência do “outro mundo” sobre a vida cotidiana.

Quanto à intensidade da vivência religiosa, percebemos uma frequência religiosa bastante expressiva, já que 64,1% destes jovens participam das atividades de sua religião mais

de uma vez por mês. No que se refere à contribuição financeira, 72% dos entrevistados ou não contribuem ou contribuem somente vez ou outra, padrão tradicionalmente católico. Na forma como praticam a religião, a ampla maioria indicou a oração diária, forma de vivência religiosa marcadamente cristã (tabela 7).

Tabela 7 – Formas de prática religiosa (%)

Práticas religiosas	
Oração Diária	78,8
Meditação	7,5
Obras de caridade	8,7
Promessas	3,8
Ofertas/Sacrifícios	3,0
Mediunidade/Incorporação	0,8

### 3 Trânsitos e convivências

Uma parcela muito pequena dos jovens pesquisados já teve outra religião, sendo 15,2% a porcentagem dos que mudaram de religião. Desse universo dos que já “transitaram”, 63,7% eram católicos.

Quando analisamos a convivência com outras religiões, observamos que a identidade religiosa é exclusivista e pouco sincrética, já que mais de três quartos dos estudantes (76,7%), quando perguntados, não participariam dos cultos de outras religiões que não a sua. Essa informação pode explicar, mesmo que parcialmente, o baixo índice de conversão. Por outro lado, a pesquisa apontou um alto índice de reconhecimento do valor de todas as religiões (64,6%). Assim, chama-nos a atenção essa convivência: uma vivência marcada pelo “exclusivismo religioso” que, porém, não exclui uma certa tolerância no âmbito das representações acerca das diferentes religiões.

Um conjunto de questões relativas à tolerância religiosa procurou medir em quais circunstâncias esses jovens admi-

tem um relacionamento com pessoas de outras religiões. Nessas respostas, à medida que a proximidade da relação aumenta, diminui a tolerância (por exemplo, um católico abriria uma empresa com um pentecostal, mas não se casaria com uma mulher dessa igreja).

A tabela abaixo mostra o posicionamento dos alunos quanto ao grau de tolerância em diferentes situações.

Tabela 8 – Grau de tolerância religiosa (%)

Tolerância Religiosa <sup>15</sup>	
Você teria amigos de outra religião?	50,9
Você montaria um negócio com alguém de outra religião?	45,4
Você se casaria com alguém de outra religião?	34,5
Você participaria de cultos de outra religião?	13,8

#### 4 Moralidade e sexualidade

Um conjunto de questões procurou abordar temas referentes à moralidade e sexualidade desses jovens. Assim, uma das perguntas tratou da virgindade, assunto que mesmo nesses tempos de propalada liberalização sexual emerge como um dilema real para jovens que estão saindo da adolescência. Nessa questão, observou-se a importância da variável religião, por isso realizamos um cruzamento entre as questões que tratam da virgindade e as questões sobre filiação religiosa para tentarmos iluminar as seguintes questões: A religião influencia, ainda hoje, a percepção dos jovens sobre a virgindade? Há diferenças significativas na visão do jovem sobre virgindade de uma religião para outra? Quando analisamos os dados a resposta foi positiva para ambas as questões.

A virgindade feminina é valorizada por 37,6% dos entrevistados, ao passo que a masculina, por 26,1%. Se formos considerar a valorização da virgindade feminina, esta é mais

<sup>15</sup> Respostas referentes somente à opção “qualquer religião” para cada item perguntado.

mais acentuada entre os pentecostais e protestantes, seguido por adeptos de outras religiões; católicos; adeptos de candomblé/umbanda e espíritas. Quando a questão se refere à virgindade masculina, os dados por religião reproduzem a mesma ordem da questão anterior, com os pentecostais e protestantes encabeçando a lista.

Tabela 9 – Concordância com a virgindade

Religião	Virgindade feminina	Virgindade masculina
Pentecostal	78,5	68,2
Protestante	72,4	68,2
Outras	64,0	56,3
Católica	31,1	18,3
Candomblé/ Umbanda	30,0	15,8
Espírita	16,4	10,1

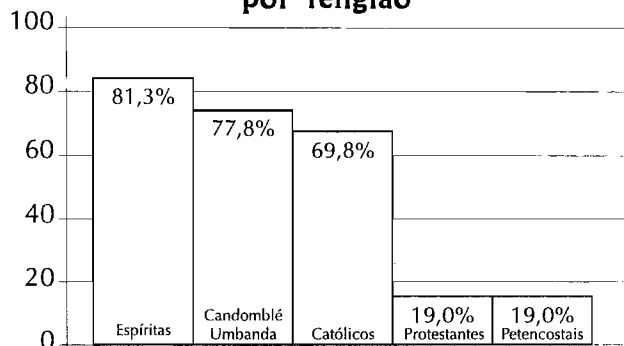
Na questão referente à fidelidade, observamos que tanto para a fidelidade masculina quanto para a feminina, os índices são muito próximos: 91,1% para fidelidade feminina e 90,6% para fidelidade masculina. A clara valorização conferida à fidelidade nesta questão poderia ser pensada, como propõe Maria Lúcia Montes<sup>16</sup>, não como reflexo dos esforços das Igrejas no sentido de impor uma ética para a vida, mas como fruto, principalmente, da ameaça representada pela AIDS e outras doenças sexualmente transmissíveis, que recolocaram na “ordem do dia os valores da fidelidade conjugal”? Ao cruzarmos as respostas sobre fidelidade com a filiação religiosa, notamos que os pentecostais e protestantes a valorizam de uma forma mais intensa, chegando a mais de 90%, seguidos dos católicos, com um desvio negativo em relação à média; e, por fim, dos espíritas, que apresentam um desvio bastante significativo em relação aos resultados gerais.

<sup>16</sup> Maria Lúcia MONTES, As figuras do sagrado: entre o público e o privado. In: *História da vida privada no Brasil*.

O aborto é o tema mais controverso desse conjunto de questões. Esse tema habita largamente os discursos religiosos, e tem sido cada vez mais objeto de discussão e até de militância de várias igrejas, principalmente quando alguma lei de liberalização do aborto é discutida no Congresso Nacional. Nos números que dizem respeito ao grau de tolerância em relação ao aborto, o maior percentual (68,2%) foi encontrado entre aqueles que discordam da afirmação de que “o aborto não pode ser justificado em nenhuma circunstância”. Contudo, as demais questões não apontam na mesma direção, há alto índice de respondentes (64,4%) que concordam com a afirmação “o aborto só pode ser justificado em caso de estupro”, restando uma baixa porcentagem (23,8%) para a percepção do aborto como decisão livre da mulher. Nos índices de recusa absoluta ao aborto não se verificam grandes variações por filiação religiosa. Quanto aos índices de justificação do aborto em caso de estupro, podemos destacar os católicos com um maior grau de concordância (67,3%). Já quando a afirmação é “o aborto deve ser uma decisão livre da mulher”, temos maior aceitação entre os adeptos das religiões mediúnicas: candomblé/umbanda com 39,1% e espírita com 27,9%.

Uma outra pergunta a respeito de sexo e moralidade refere-se ao grau de aceitação da união homossexual. Os dados gerais são bastante interessantes: 61,2% dos entrevistados aceitam a união homossexual, um nível de aceitação bastante alto para jovens secundaristas, boa parte deles de cidades pequenas do interior de Minas, marcadas fortemente pelo catolicismo.

**Gráfico 3 - Aceitação da união homossexual por religião**



No entanto, quando cruzamos os dados por religião, o grau de aceitação apresenta diferenças bastante significativas. Os espíritas são os mais tolerantes à união homossexual, seguidos bem de perto pelos representantes do candomblé/umbanda; os católicos aparecem um pouco depois; e os pentecostais e protestantes apresentam índices de aceitação muito baixos.

Os resultados da pesquisa referentes a esses temas demonstram que, no que diz respeito a questões como sexo e moralidade, a religião mantém entre os jovens um papel de acentuada relevância, já que essa variável produziu diferenciações no nosso universo de pesquisa.

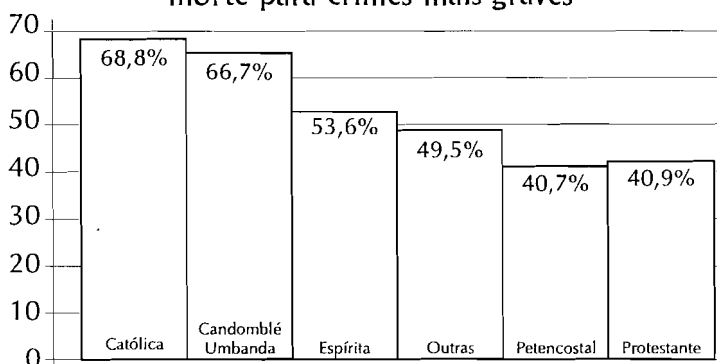
Analisando as questões referentes à virgindade, fidelidade, aborto e homossexualidade, percebemos ainda uma tendência bem acentuada de polarização entre protestantes e pentecostais, de um lado; e espíritas, do outro. Assim, observa-se que os espíritas se posicionaram preponderantemente a favor das opções que apontam uma maior liberalização do corpo e da moral; ao passo que, na outra ponta, os protestantes e pentecostais apresentaram altos percentuais nas respostas que limitam o controle do corpo, apontando uma resistência aos novos padrões de sexualidade.

Apesar de verificarmos diferenças entre comportamentos mais “conservadores” (protestantes e pentecostais) e mais “avançados” (espíritas), quando o tema é a pena de morte,

essas tendências acabam sendo invertidas: nessa questão, a posição dos protestantes e pentecostais poderia ser considerada a mais “avançada”. Em meio à onda de violência vivida nas grandes cidades, onde volta e meia ressurge na mídia o clamor por punições mais severas, manter-se contra a pena de morte não parece ser uma posição facilmente defensável.<sup>17</sup> No entanto, esta forma de punição não foi acatada pelos protestantes e pentecostais, invertendo a tendência que as questões sobre sexualidade e moralidade apresentaram.

## 5 Religião e política

Gráfico 4 - Percentagem de concordância com a pena de morte para crimes mais graves



A última parte do questionário tratou de questões sobre política e sua relação com a religião. Pelos dados que obtivemos, 83,4% dos entrevistados afirmaram não ter nenhum vínculo e/ou afinidade com partidos políticos. Os que são filiados a algum partido político somam apenas 4,6% dos alunos. Também não observamos relação significativa entre intensidade da participação religiosa e participa-

<sup>17</sup> No *survey*, a forma como esta pergunta foi construída poderia potencializar um índice positivo de resposta, já que ela mediu o grau de aceitação da pena de morte *somente* para crimes mais graves.



ção em partidos políticos. Assim, contrastando com a alta participação religiosa observada entre esses jovens, verifica-se uma baixíssima participação política, pelo menos nos espaços tradicionais da política, como os partidos.

Outra observação diz respeito a não-interferência da religião na escolha do candidato: 94,7% votariam em candidatos de religiões diferentes da sua, indicando uma percepção que distingue claramente o espaço laicizado da política daquele da religião. Contudo, quando são cruzados esses dados com a religião dos respondentes, verifica-se algumas variações pelas filiações religiosas: os pentecostais (11%) são os que mais votam nos candidatos de sua religião; já os espíritas (0,7%) são aqueles que menos votam em candidatos da sua religião.

## Bibliografia

- BABBIE, Earl. *Métodos de pesquisa de survey*. Trad. Guilherme Cezarino. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.
- CAMURÇA, Marcelo A. Religiosidade moderna e esclarecida entre os universitários de Juiz de Fora-MG. *Debates do Ner*, n. 2, 2001.
- CARDOSO, A.; PÉREZ, Léa P.; OLIVEIRA, Luciana. Quem mora ao lado? O pecado ou a virtude?! Um estudo comparativo sobre a adesão religiosa entre estudantes de Ciências Sociais e de Comunicação da FAFICH/ UFMG. *Debates do Ner*, n. 2, 2001.
- JACOB, Cesar Romero et al. *Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2003.
- MARGULIS, M.; URRESTI, M. *La juventud es más que una palabra*. Buenos Aires: Biblos, 1996.
- MONTES, Maria L. As figuras do Sagrado: entre o público e o privado. In: *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- NOVAES, Regina C. R.; MELLO, Cecília Campello A. Jovens

- do Rio: circuitos, crenças e acessos. *Comunicações do ISER*, n. 57, 2002.
- NOVAES, Regina. Religião e Política: sincretismos entre alunos de Ciências Sociais. *Comunicações do ISER*, ano 13, n. 45, 1994.
- \_\_\_\_\_. Caminhos cruzados: juventude, conflito e solidariedade. In: ISER. *Textos de Pesquisa*, 1996.
- \_\_\_\_\_. Ouvir para crer: Os Racionais e a fé na palavra. *Religião e Sociedade*, v. 20, n. 1, 1999.
- NOVAES, R.; MAFRA, C. Juventude: conflito e solidariedade. *Comunicações do ISER*, n. 50, 1998.
- STEIL, Carlos A.; ALVES, D.; HERRERA, S. Religião e política entre os alunos de Ciências Sociais: um perfil. *Debates do NER*, n. 2, 2001.